

A CRIANÇA E O FOLCLORE: VIVÊNCIA E APRENDIZADO A PARTIR DA TRADIÇÃO SULINA

Daiana Camargo¹

Resumo

Este trabalho se refere a um relato de experiência desenvolvido na forma de projeto, realizado em uma turma de Educação Infantil, com crianças na faixa etária de cinco e seis anos de idade, cujo tema abordado foi o folclore, com ênfase nas tradições implícitas na cultura sulina, a partir dos hábitos do gaúcho. O projeto tem origem na observação e nos diálogos propostos pelas crianças, os quais foram utilizados como ponto de partida para a organização de atividades interdisciplinares. Descrevemos as etapas do trabalho, bem como o direcionamento que esse recebe, diante das participações e indagações dos participantes e o respaldo teórico para a validação do trabalho desenvolvido. Diante das bases teóricas e práticas, justificamos a necessidade do trabalho com projetos e de uma prática pedagógica baseada na vida cotidiana. Tratamos dos resultados, enfatizando a maior integração e afetividade verificada entre os alunos, a curiosidade, a participação e a aprendizagem geradas ao longo dos estudos, bem como a colaboração da maioria dos pais, da equipe escolar e de membros do movimento tradicionalista de nossa cidade, que muito contribuíram para a efetivação da proposta.

Palavras-chave: Criança. Folclore. Aprendizagem.

CHILD AND FOLKLORE: LIVING AND LEARNING FROM TRADITION SULINA

Abstract

This paper refers to an experience report developed in the form of project, carried out in a class of kindergarten, with children aged five and six years old, where the theme was the folklore, with emphasis on traditions implied southern culture, from the habits of the gaucho. The project stems from the observation and dialogue proposed by the children, which were used as a starting point for the organization of interdisciplinary activities. We describe the stages of work, as well as the direction it receives, given the interests and questions of the participants and theoretical support for the validation of the work. Given the theoretical and practical bases justify the need for the project work and a teaching practice based on everyday life. We treat the results, emphasizing the integration and greater affectivity verified among students, curiosity, participation and learning generated throughout the studies, as well as the collaboration of most parents, school staff and members of the traditionalist movement of our city, which greatly contributed to the proposal effectiveness.

Keywords: Children. Folklore. Learning.

¹ Doutoranda em Ciências de la Educación- Universidade Nacional de La Plata – AR. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR), docente colaboradora do Departamento de Metodos e Técnicas de Ensino da UEPG/PR. Professora dos anos iniciais da Rede particular de ensino do município de Ponta Grossa-PR. Contato: camargo.daiana@hotmail.com.

Para início de conversa...

Nosso trabalho consistirá em um relato de experiência, proveniente da prática pedagógica na Educação Infantil, versando sobre a grata satisfação do aprendizado que a convivência com o potencial infantil, sua magia e alegria, proporcionam ao professor, diante da tentativa de compreender e contribuir com o desenvolvimento infantil.

As crianças envolvidas nesse projeto integravam a turma então denominada de pré-escola, com idades entre 5 e 6 anos, que hoje, após a organização do ensino fundamental de 9 anos, compõem as turmas que denominamos Infantil 5 e 1º ano do Ensino Fundamental.

Inicialmente, a temática do projeto desenvolvido teve como eixo central a dança folclórica e foi denominado de “Pezinho que dança – Pezinho de criança”. A mesma vem ao encontro da diversidade cultural que circunda a criança e integrada ao desenvolvimento das atividades pedagógicas, que tiveram como ponto de partida as observações e os comentários das crianças diante dos costumes familiares, acerca do chimarrão e das vestimentas gaúchas, que alguns integrantes das famílias de nossos alunos tinham por hábito trajar.

Ante as observações e comentários dos alunos e do interesse diante da abordagem da cultura gaúcha na escola, propomos um projeto multidisciplinar para o estudo dos costumes populares.

Abordamos, neste texto, todas as etapas do trabalho ao longo da execução do referido projeto, nossas conquistas, anseios, angústias e limitações frente a realidade social, cultural e econômica, na qual estivemos trabalhando e apresentamos com satisfação os resultados obtidos.

Olhando pela janela

Foi assim, olhando pela janela, que tudo começou. Nossa escola, um Núcleo de Educação Infantil Municipal, localiza-se num bairro de classe média – baixa, em rua de relativo movimento, onde frequentemente passavam alguns homens à cavalo. “Numa quinta-feira, de um mês de julho, um de nossos alunos, ao olhar pela janela comenta: professora, você já viu que sempre passam esses homens “com cavalos” aqui na rua! Eles são gaúchos e tomam chimarrão igual lá em casa!”

A partir do comentário, as crianças iniciaram uma grande troca de informações através de diálogo intenso. Foi um momento de observação. Eram relatos de seus conhecimentos diante dos hábitos familiares, descreviam o chimarrão, contavam a respeito de passeios a cavalo e outros temas relacionados. As interferências eram feitas apenas quando surgiam os questionamentos a respeito da vestimenta, para a qual teimavam diante da denominação “bombacha”. Esclarecidos, seguiam a conversa, em harmonia que poucas vezes tinha visto numa turma frequentemente agitada e dividida em opiniões distintas.

O assunto foi chegando ao fim, à medida que algumas das crianças estavam saindo para suas casas. Mas o que havia sido presenciado naquela tarde, gerou inquietação, a qual ficou pulsando por alguns dias, até a decisão de organizar um projeto de trabalho para que pudessemos aproveitar o interesse apresentado pelas crianças, diante de um tema presente no cotidiano das mesmas, e que poderia ser aprimorado por uma abordagem mais intensificada e esclarecedora da cultura sulina, mais especificamente: as tradições gaúchas, incorporadas no convívio familiar dos alunos que integravam a turma de Educação Infantil, o que, segundo Delval (2001) denomina-se aprendizagem da vida cotidiana, repleta de

significados e possibilidades de abordagem na escola, para uma educação que faça sentido para a criança.

Na semana seguinte, conversei primeiramente com a professora estagiária, pois precisaria de seu apoio para a realização do projeto. A aceitação foi imediata e houve ainda um maior incentivo em relação à proposta, diante de seu relato de que as crianças tinham também conversado com ela sobre o tal “homem a cavalo”. Levei o proposto para a coordenadora no Núcleo, que aceitou de imediato, disponibilizando-se a auxiliar no que fosse necessário.

Temos como pressuposto que o trabalho com projetos possibilita o desenvolvimento integral da criança, para que a mesma compreenda o ambiente no qual está inserida, o que Oliveira (2002, p.242) confirma:

O projeto didático pode possibilitar às crianças diferenciar suas próprias experiências das de outras pessoas, pensar o presente e o passado, o sentido do tempo e do espaço como uma construção histórica organizada socialmente para atender necessidades criadas nas comunidades e trabalhar o tempo como um ato de liberação do presente, considerando as diferentes temporalidades existentes no cotidiano. Suas representações sobre o tema são reelaboradas pelo olhar da professora, que, durante todo o processo, tenta apreender as hipóteses e as significações infantis.

Após aceita a proposta, esboçamos algumas diretrizes para as atividades do projeto, e fomos ao encontro de pessoas que pudessem contribuir para a realização das atividades, conhecedores da cultura gaúcha, grupos folclóricos e familiares dos alunos, que prontamente concordaram com a participação e contribuição no trabalho.

Iniciamos leituras para melhor compreensão dos elementos que integram o tradicionalismo, os movimentos políticos, econômicos, sociais e culturais que constituíram essa cultura. Reunimos todo o material possível para o enriquecimento do trabalho: vestimentas, utensílios, músicas e demais itens que integram o cotidiano do povo gaúcho. Pudemos assim, embasar teoricamente o projeto e aprimorar algumas das atividades orientadoras do tema proposto, em obras de Appio (1997), Azevedo (1995), Cortes (1966), Fagundes (1995; 1997; 2001), MTG – PR (2001) e Nunes (1990).

A organização das atividades do projeto visava o desenvolvimento integral da criança e a interdisciplinaridade, todas articuladas ao tema, até então sem título definido, mas que versava sobre a cultura e os costumes populares. Oliveira (2002, p. 236) enfatiza que:

Ajudar a criança a articular sua história e a de seu grupo familiar e da vizinhança com a de outros grupos possibilita-lhe iniciar um trabalho de compreensão das relações entre proximidade e distância, investigando diferenças e permanências que se percebem entre os grupos. Trata-se de bom ponto de partida para ela aprender [...].

O objetivo geral constituía na abordagem do tema Folclore a partir das lendas e costumes do povo gaúcho, esclarecendo os elementos culturais e tradicionalistas que estão

envolvidos na rotina da população do sul do Brasil e deste decorrem especificidades, tratando do conhecimento de cantigas e lendas do folclore gaúcho, utilizando-as como recurso de alfabetização, sensibilização e aprimoramento da criatividade e fantasia, buscando o aprimoramento da linguagem, escrita; compreensão dos elementos da cultura gaúcha (vestimentas, chimarrão, alimentação...), bem como, sua influência em nosso cotidiano, os aspectos históricos e culturais que o envolvem; proporcionar aprendizagem através do tema, tratando o mesmo de maneira simples e agradável, integrando os alunos em todas as fases do projeto, tornando-os responsáveis no processo de coleta de informações e divulgação dos estudos; verificar a contribuição da dança folclórica na prática educativa; incentivando a aceitação de si e do próximo, bem como os limites e valores desenvolvidos com a prática corporal.

Tendo cumprido esta primeira e empolgante etapa de organização, ficou definido que as atividades teriam início na segunda semana do mês de agosto, visto que o mês contribuía para as atividades propostas, diante do tema folclore, que integra os conteúdos do referido mês.

De acordo com Oliveira (2002, p.238) “um projeto, como toda situação humana, desperta, entretanto, uma série de sentimentos que devem ser trabalhados pelo professor”. Ao considerar a abordagem da autora, a complexidade da prática educativa, e a diversidade de possibilidades apontadas pela criança diante de toda e qualquer atividade, não foi possível, mesmo assim, conter as expectativas perante a desafiadora proposta, da qual esperávamos que a partir de cantigas e danças, itens essenciais do tradicionalismo, pudessem propiciar momentos de lazer, aprendizagem e recreação entre as crianças. Foram aproveitadas as sugestões e os temas que possivelmente surgiriam para propiciar o enriquecimento deste projeto, fazendo com que o trabalho proporcionasse aprimoramento de bons hábitos e atitudes, contribuísse no processo de alfabetização, auxiliasse o desenvolvimento psicomotor, a integração entre as crianças e dessas com o projeto e seus respectivos colaboradores, a participação dos pais, professores e funcionários do Núcleo, almejando grande satisfação das crianças e aprendizagem significativa.

A realização do projeto: construindo um novo caminho a cada atividade

Deixando de lado a ansiedade que se faz natural a cada nova experiência, iniciamos no dia onze de agosto as atividades do projeto, que seriam desenvolvidas em período integral, para que pudessem atender a todas as crianças que frequentam a escola em horários diferenciados.

Partimos de uma conversa sobre o tema e relembrei o dia em que as crianças tinham realizadas as observações e indagações acerca dos costumes populares. A conversa serviu para inserir no tema alguns dos alunos, que não estavam presentes na oportunidade do primeiro diálogo, por ocasião das férias de julho.

A partir desse diálogo propusemos às crianças a realização de uma pesquisa para que pudessem obter maiores informações sobre o povo gaúcho, seus costumes e cultura. Confeccionamos um envelope, e cada criança levou sua tarefa no fim do dia. Combinamos que deveriam trazer para a escola em até três dias. Na saída, cada pai ou responsável foi informado da atividade e estimulado a participar do projeto.

No momento de musicalização, as crianças ouviram a cantiga Pezinho, cantamos e conversamos sobre as danças do gaúcho. A atividade de registro apresentou a letra da

cantiga, fizemos a impressão dos pés dos alunos, enfatizando a lateralidade. Realizamos diversas brincadeiras para estimular o reconhecimento da lateralidade.

No dia seguinte, na roda de novidades, algumas crianças apresentaram suas pesquisas sobre o Gaúcho. Conversamos sobre o modo de escrever Gaúcho, alguns opinaram, outros tentaram lembrar a atividade de cópia que fizemos dessa palavra. Anotamos as hipóteses e, nas pesquisas, procuraram a forma correta de escrita da palavra proposta. Com recortes de revistas, construíram a palavra GAÚCHO. A ilustração foi proposta de acordo com o tema. Houve muitos desenhos de cavalos, peões, prendas e cuias, elementos estes mais conhecidos pelas crianças. À tarde, cantamos novamente a cantiga do Pezinho, organizamos as crianças em duplas e para cada uma entregamos a letra da cantiga, recortada em tiras. A atividade consistia em organizar a letra da cantiga, à medida que cantássemos, colando parte por parte. Verificamos a preocupação das crianças em associar a fala com a escrita e a discussão entre elas para definir como seria a ordem correta. Apesar das dificuldades, a atividade foi desafiante, observamos envolvimento e o companheirismo durante a realização da tarefa. De acordo com Kramer (1993, p. 85):

As crianças são sempre diferentes umas das outras, não só em termos de seus interesses, mas também do seu ritmo de desenvolvimento e dos conhecimentos anteriormente adquiridos. Dada essa heterogeneidade, as atividades planejadas devem conter níveis de dificuldades (gradação), de maneira que as crianças sejam atendidas em suas necessidades específicas de crescimento e sejam, simultaneamente, desafiadas, tendo seus interesses e conhecimentos expandidos.

Em treze de julho, trabalhamos a expressão oral através da música e apresentamos às crianças outras cantigas do folclore gaúcho, do CD Danças Tradicionais. A partir das gravuras e fotografias apresentadas nas pesquisas, realizamos uma roda de conversação a respeito das vestimentas do gaúcho. O registro da atividade ocorreu através de colagem, e cada um deveria criar o seu personagem. As crianças são bastante detalhistas e apresentam boa noção de esquema corporal, respeitando o espaço e as informações que receberam sobre o tema. (Prenda não usa saia curta, lembra que a “prô” disse!)

Realizamos no dia quatorze, atividade envolvendo o mapa do Brasil, que foi apresentado e logo reconhecido pelas crianças (É o Brasil...é o desenho do Brasil)Em roda, conversamos sobre o que são os mapas e como são divididos os territórios. Explicamos sobre a divisão do Brasil em Estados, localizamos o mar, o Estado de Santa Catarina e o Rio Grande do Sul. Durante o diálogo, abordamos que os elementos que cultivamos da cultura gaúcha devem-se à proximidade dos Estados e ao fato de que era caminho em suas viagens. As crianças apresentaram grande interesse durante a conversação, enriquecendo-a com perguntas e observações. (Acho que lá também tem praia, pois tem mar bem do ladinho!) À tarde, fizemos uma lista de todos os elementos da cultura gaúcha que já foram trabalhados e a partir dessa lista, cada criança realizou a pintura de um dos elementos citados.

Verificamos grande interesse das crianças durante as atividades, sempre apontando novas direções. Em relação aos projetos didáticos e suas possibilidades, Kramer (1993) e Oliveira (2002) enfatizam que esses possibilitam que a criança questione, crie relações,

associe e compare elementos que possibilitarão que ela compreenda o ambiente e atribua a ele significados, de acordo com suas vivências.

O dia seguinte foi especial, recebemos a visita de uma Prenda, para conversar com elas. Pela manhã, na roda de novidades, organizamos algumas perguntas que as crianças queriam fazer e anotamos para que nada fosse esquecido. À tarde aconteceu a tão esperada visita. Logo que a moça entrou na sala, começaram as perguntas, as quais foram respondidas com competência, demonstrando a riqueza de seus conhecimentos. Mostramos as nossas atividades e conversamos muito. Fomos brindados com uma linda poesia e muita música ao som da gaita... Aos poucos as crianças foram desinibindo, algumas arriscavam dançar! Ouvimos também duas lindas lendas, O Cruzeiro do Sul e a lenda de Erva-Mate. Nossa visitante demonstrou a maneira adequada de execução de cada passo da dança tradicional Pezinho. As crianças participaram e foi maravilhoso. O som de gaita se espalhou pela escola e logo tínhamos muitos observadores. Terminamos o dia com uma agradável sensação de satisfação e alegria em ver o interesse e o envolvimento dos meus pequeninos.

Ao pensarmos o trabalho com o corpo em movimento, recorremos a Camargo e Finck (2010) cujas autoras destacam que a expressividade por meio de movimentos acompanha todo o desenvolvimento e a vida humana. Esses movimentos podem expressar os sentimentos, as emoções assim como os estados íntimos das crianças, que podem variar de acordo com cada cultura e seu modo de expressar-se. Quanto ao trabalho com a dança na escola, Fux (1983, p.40):

A dança não deve ser privilégio daqueles que se dizem dotados, ela deve ser ministrada da educação comum como uma matéria de valor estético, de peso formativo, físico e espiritual. Com uma capacidade e possibilidade de buscar a criação de cada um de acordo com o desenvolvimento que tenha frente a si mesmo e frente ao espaço. Através das distintas etapas educacionais: Jardim Primário, Secundário e Universitário, pode ir evoluindo esta ideia e canalizando a dança como uma linguagem verbal e a escrita são, é certo, fundamentais para ela, mas às vezes resultam insuficientes.

A semana seguinte iniciou com o estudo acerca do chimarrão, as crianças manusearam a erva-mate e as folhas da planta, trazidas pela professora da turma do jardim, grande colaboradora de nosso projeto. Manusearam a cuia e montamos o chimarrão, que foi degustado por todos. As crianças relembrou a lenda contada pela Prenda que nos visitou na semana anterior e combinamos que no final do mês realizaríamos uma Roda de Chimarrão para que possamos mostrar aos pais todas as atividades realizadas ao longo do projeto. Fizemos lindas cuias com colagem de papel picado e erva-mate. Um dos alunos trouxe para a escola um mapa da região sul do Brasil e combinamos utilizá-lo no dia seguinte. Apesar dos esforços dispensados pela equipe da escola e pelos alunos, alguns pais não se envolveram nas atividades. Oliveira (2002) relata que a família deve ter no professor alguém que lhe ajude a pensar sobre seu próprio filho e a se fortalecer, pois a família é um ambiente privilegiado de desenvolvimento da criança.

Retomamos, na terça-feira, o trabalho com os mapas, agora enfatizando a região sul, localizamos o município de Porto União no mapa de Santa Catarina, levantando o

questionamento sobre a distância entre nosso município e o Rio Grande do Sul. As crianças manifestaram suas opiniões, e após muitas discussões chegaram à conclusão de que “tem que viajar bastante, até de noite”. Além dos aspectos de conhecimento e envolvimento com o tema do projeto, verifiquei que as crianças melhoram visivelmente a linguagem, expressando com clareza suas ideias através da oralidade e do desenho.

Em vinte de agosto, no período matutino, trabalhamos com a construção de um peão e uma prenda utilizando material de sucata. As crianças trabalharam em equipe, houve cooperação e discussão de ideias. O resultado final foi surpreendente. Auxiliamos sempre que solicitadas pelas crianças ou quando havia impasses. Durante a tarde, realizamos duas atividades: o Alfabeto do Gaúcho e a leitura e interpretação da Lenda da Erva-Mate. O alfabeto foi escrito e ilustrado a partir de palavras escolhidas pelas crianças, sendo que essas representavam atitudes, hábitos ou instrumentos do cotidiano do gaúcho. Na maioria das letras, as crianças associaram com facilidade os elementos, observamos a evolução na escrita das crianças. Segundo Garcia citado por Moll (1996), um ambiente estimulante contribui para que a criança construa prazerosamente seu conhecimento do mundo, e que, se a escrita integra seu universo cultural, também constrói conhecimentos sobre a escrita e a leitura.

No final, cada um do seu jeito e dentro de suas possibilidades, teve em mãos o registro da atividade. Na roda de histórias, a lenda da Erva-Mate foi recontada por uma das alunas, que não deixou escapar nenhum detalhe do que havia ouvido em atividade anterior. Não foi necessário que eu realizasse a leitura da lenda. As produções foram individuais, no início algumas crianças estavam tímidas com a proposta.

A partir das gravuras trazidas durante a pesquisa inicial do projeto, e da entrevista com a Prenda que nos visitou, no dia 21 de agosto, confeccionamos um painel, o qual foi denominado “Vida de Gaúcho”. Este trabalho retratou através de desenho e colagem, realizada coletivamente, a rotina do antigo gaúcho. Durante a atividade utilizaram recorte, rasgadura, desenho, pintura... Cada criança contribuiu com o trabalho. Deixamos a atividade exposta no corredor da escola. Realizamos atividades de dança de salão com diversos ritmos da cultura gaúcha. Ao considerar o interesse das crianças com as danças tradicionais, decidimos organizar os trajes para incentivá-los. Com a ajuda de coordenadora do Núcleo e de algumas mães dispostas a colaborar, compramos o material e iniciamos a confecção dos trajes. Para os meninos um modelo de cheripá, camisa branca e lenço, para as meninas, vestidos de tecido xadrez, doado pela mãe de uma das alunas. Diante da validade da atividade corporal na escola, Barreto (2004) relata que as atividades de dança na escola propiciam o autoconhecimento, estimulam a vivência da corporeidade, proporciona relacionamentos estéticos, incentiva a expressividade, possibilita comunicação não-verbal e diálogo corporal, sensibiliza as pessoas, promovendo relações mais harmoniosas e equilibradas diante do mundo. Neste sentido, recorreremos às abordagens de Capri (2008 p. 125) sobre a criança e sua relação com a dança:

Percebemos que a criança tem espontaneidade inata para movimentar-se e realizar movimentos rítmicos a partir de uma música, estes movimentos podem não ser coordenados, mas a criança dança e se expressa através de seu corpo, cabe a escola levá-la a adquirir consciência dos movimentos, preservando a desenvoltura e espontaneidade sem reprimi-la, para que assim desenvolva todo seu potencial corporal e criativo.

No dia 23 de agosto, realizamos a musicalização com a cantiga Prenda Minha. Registramos a cantiga em um cartaz que ficou exposto em nossa sala de aula. Aproveitamos para conversar sobre o respeito do peão com a prenda e enfatizamos alguns aspectos de boas maneiras do homem para com a mulher. À tarde recebemos a visita da invernada artística mirim do Centro de Tradições Gaúchas de nossa cidade. Alguns dos integrantes da invernada declamaram poemas e dançaram a chula, deixando nossos pequeninos boquiabertos. Um dos peões enfatizou que a chula substitui a briga pela prenda. As crianças fizeram questão de mostrar que também dançam. A invernada incentivou e ajudou na execução da coreografia.

Visitamos o CTG no dia vinte e cinco de agosto. Foram inúmeras as perguntas e os olhos brilhavam... Mostramos a elas as dependências do galpão e a raia que estava localizada atrás do CTG. Um dos meninos logo enxergou um pônei e foi geral a correria. Todos queriam ver. Apesar da agitação, as crianças estavam interessadas em tudo o que viam, prestando atenção às explicações e aos detalhes: Bar (bolicho), churrasqueira, etc.

Avalio como muito positiva a atividade de hoje, apenas lamento a falta de algumas crianças. Todos os dias éramos questionados sobre os trajés, pois estavam ansiosos para ver. Faltava-nos ainda o nome do projeto e para tanto reunimos os alunos pedindo sugestões. Diante de todas as opiniões, muitas se referiam à cantiga do pezinho, o que, com ajuda das professoras, acabou tendo como título: Pezinho que dança Pezinho de criança.

No dia vinte e seis, realizamos o estudo da lenda Negrinho do Pastoreio, incentivada pelo relato de uma das crianças, sobre o negrinho que auxilia a encontrar coisas perdidas. Dramatizamos e as crianças recontaram a lenda, que foi registrada com desenhos em um cartaz, o qual ficou exposto na sala de aula. Durante a história, percebemos grande comoção das crianças, que manifestavam a indignação diante às atitudes contra o Negrinho.

Aproveitamos a oportunidade para conversar com elas sobre as brigas em sala de aula e sensibilizá-las para que percebam que o amigo sente dor, quando brigam ou se ofendem. Segundo Denise Camargo (2004, p.112) ao tratar das emoções na escola, a autora ressalta: “Nas relações interpessoais, a criança está internalizando significados afetivos e morais que vão constituindo sua configuração psíquica e sua identidade”.

Revisamos, no dia seguinte, todas as atividades realizadas ao longo do mês. As crianças estão a cada dia mais entrosadas, deixando de lado alguns tabus em relação ao contato corporal, e a dança tem sido bem aceita, tornando as crianças mais respeitadas umas com as outras. Ao buscarmos a inserção de atividades que valorizassem corpo em movimento através da dança folclórica, obtivemos valiosas vivências que nos fortalecem a olhar a criança como ser que cria e se expressa a partir de seu corpo.

Ao entender que as instituições de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental são meios educativos em que a criança extrai, experimenta, ajusta e constrói movimentos corporais provenientes da inserção e interação num grupo diferente do seu meio familiar, concluo que estas instituições são meios privilegiados para o desenvolvimento da autonomia corporal e vivências de diversos modelos de movimentos corporais provenientes da cultura em que a criança se encontra (GARANHANI, 2012, p.67)

Após a revisão e organização das atividades de registro (desenhos, escritos, fotografias) para compor um portfólio individual, nos organizamos em roda, conversamos sobre o projeto e tudo o que fizemos e aprendemos durante este mês. As crianças relataram o que acharam mais importante. Anotei em um cartaz que ficou exposto na sala de aula. No final da conversa, verificamos que foram muitas as conquistas que ocorreram ao longo deste mês, desde os temas trabalhados até o relacionamento e o respeito entre os alunos. As crianças melhoraram a autoestima através da valorização dos trabalhos realizados, e se mostravam felizes a cada contribuição de seus pais. As visitas e a integração possibilitaram que vivenciassem o tema trabalhado, gerando questionamentos e descobertas.

Sábado, 30 de agosto, nesta oportunidade reunimos pais, familiares, professores e funcionários para a finalização do projeto e as crianças apresentaram as atividades desenvolvidas ao longo do projeto. Relatamos aos pais o trabalho realizado, apresentamos nosso grupo de danças que apresentou a coreografia “Pezinho” e assistimos à apresentação da Invernada Mirim do Centro de Tradições Gaúchas, que mais uma vez contribuiu em nossas atividades. A tarde festiva marcou o encerramento e cada criança entregou a seus familiares as atividades realizadas durante a execução do projeto.

No dia 7 de setembro, os alunos participaram do desfile cívico-militar de nossa cidade, onde representaram a Educação Infantil Municipal, sendo que a pré-escola levou ao público o projeto Pezinho que Dança Pezinho de Criança, digno de comentários e diversos elogios.

Para pensar, concluir e agradecer

O presente trabalho nasceu e se desenvolveu inteiramente integrado à rotina de trabalho do nosso Núcleo de Educação Infantil e ao interesse de nossas crianças, cada ideia foi aceita e aproveitada durante as atividades. Era visível o interesse da turma pela cultura gaúcha, e a cada nova informação víamos possibilidades de enriquecimento cultural, artístico e de aprendizagem. Neste sentido, encontramos em Moro [et al] (2012, p.19) reflexões que corroboram ao que compreendemos e aprendemos ao realizarmos as atividades deste projeto:

Ensinar é algo que nasce de um compromisso de vida, que em algum momento quem é professor hoje assume para consigo. E a partir dessa decisão e da decisão de manter esse compromisso, o professor também deve assumir-se em constante aprendizado, no qual o movimento é o de reincidir, retornar, renovar, reinventar, reiterar, recomeçar; em que fica realçado o inacabamento do processo: o aprendizado é contínuo e permanente, não se fechando numa solução e não se totalizando em sua atualização, precisando assim ser sempre reativado. Por isso, e para isso estamos nesse processo de formação, de leitura, de estudo, de problematização e de reflexão constantes em meio à invenção de novas subjetividades e de novos mundos.

Durante as atividades, observamos que os alunos apresentaram considerável desenvolvimento de leitura e escrita, identificavam, reproduziam e construíam palavras, de acordo com suas possibilidades e experiências de escrita, próprias da criança em idade pré-escolar (Moll, 1996). Quanto à criatividade e à produção artística, os resultados foram significativos, contribuíram com ideias interessantes, utilizaram bem os materiais disponíveis, trabalharam em grupo e apresentaram belas produções. O relacionamento entre a turma apresentou considerável evolução, principalmente na aceitação entre meninos e meninas.

Pudemos ao longo das semanas, integrar todas as áreas de conhecimento, o que possibilitou que as crianças estivessem mais bem integradas aos assuntos tratados, e o conhecimento surgia naturalmente, diante de cada questionamento a ser resolvido, a cada descoberta, a cada momento de integração do conteúdo com a vivência cultural que cada criança possuía.

Durante as atividades de movimento e dança, verificamos maior entrosamento e respeito, o que veio a confirmar algumas hipóteses já desenvolvidas anteriormente em estudo bibliográfico acerca da importância da dança para o desenvolvimento infantil, e diante dos estudos sobre o lúdico e o brincar que se estruturam ao longo da trajetória como pesquisadora. Ressaltamos a importância da cultura, da ludicidade e do movimento integrados a uma proposta interdisciplinar, que olhe para a criança como ser histórico, social, atuante e crítico.

Consideramos de grande valia os resultados obtidos, que vêm nos confirmar a riqueza de possibilidades a partir da metodologia de projetos e da integração da dança enquanto conteúdo curricular, visando uma educação integral da criança.

REFERÊNCIAS

APPIO, Francisco. *Paixão Côrtes e a Ronda Crioula*, 10 de abril de 1997.

AZEVEDO, Fernando Corrêa. Fandango do Paraná. Rio de Janeiro: *Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro*, 1995.

BARRETO, Debora. *Dança...ensino, sentidos e possibilidades na escola*. Campinas,SP: Autores Associados, 2004.

CAMARGO, Denise. *As emoções e a escola*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2004.

CAMARGO, Daiana; FINCK, Silvia Christina Madrid. *A dança inserida no contexto educacional e sua contribuição para o desenvolvimento infantil*. InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.32, n.32, p.62-74, jul./dez. 2010

CAPRI, Fabíola Schiebelbein; FINCK, Silvia Christina Madrid. *A dança no contexto da educação física: uma análise da prática de ensino de professores e de acadêmicos no processo de formação docente*. Atas digitais. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/566_360.pdf. Acessado em: 15/03/2013.

CORTÊS, Paixão; LESSA, Barbosa. *A Teatralidade na Dança Gaúcha*, Diário de Notícias Porto Alegre, 1966.

_____. *Indumentária Gaúcha*, 8ª edição, Martins Livreiro Editor, outono de 2001.

_____. *Os Mitos e as Lendas do Rio Grande do Sul*, Martins Livreiro Editor, 1997.

DELVAL, J. *Aprender na vida e aprender na escola*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FAGUNDES, A.A. *A indumentária gaúcha*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1995.

_____. Curso de Tradicionalismo Gaúcho. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997

_____. Mitos e lendas do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2001.

FUX, Maria. *Dança, experiência de vida*. São Paulo: Summus, 1983.

GARANHANI, Marynelma Camargo. *O movimento do corpo na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental: uma linguagem da criança*. In: MORO, C. [et al] *Educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental: saberes e práticas*. Curitiba: SEED-PR., 2012.

KRAMER, Sonia. *Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil*. São Paulo: Ática, 1993.

MOLL, Jaqueline. *Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender*. Porto Alegre: Mediação, 1996.

MORO, Catarina. *Sobre uma prática docente que considere a ludicidade e as infâncias na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental* In: MORO, C. [et al] *Educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental: saberes e práticas*. Curitiba: SEED-PR., 2012.

MTG-PR. *Regulamento do concurso de prendas e peões birivas*. Curitiba: MTG, 2002.

NUNES, Zeno. *Dicionário Regionalista Gaúcho*, Martins Livreiro Editor, 1990.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. *Educação Infantil: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2002.